

O CAYRÚ

Patrocinado pela Loja Maçônica Cayrú nº 762 - RJ



ANO XLIX

Nº 2- Setembro - 2008

O CAYRÚ

Órgão de divulgação da Loja Maçônica Cayrú nº 762.
Autorizado pelo Grande Oriente do Brasil (Dec. nº 1934, de 17/09/1963)
e pelo Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o
Rito Escocês Antigo e Aceito (Ato nº 672, 10/03/1966).

Fundado em 31 de Março de 1959 – E\ V\

Fundador: SYLVIO CLAUDIO

ANO XLIX - Nº 2 - Setembro - 2008

Editorial

Ao nos aproximarmos do final de mais um ciclo, final de ano, devemos observar se cumprimos nossos objetivos para conosco, com a família, com a pátria e a Loja 762. Certamente, ainda temos muito a melhorar. Mas, um grande caminho percorremos. À aqueles que nada fizeram... os que chegaram na hora da mesa pronta para criticar e destilar o pérfido veneno, bem merecem o “silencioso desprezo”. O fiel da balança nunca será o que digam ou tentem imputar. Portanto, é balela afirmar que os que trabalham estão fazendo “oba oba” com isto ou aquilo. O fundador deste Boletim, o cayrú, Sylvio Claudio, com muita propriedade, vez por outra, dizia: “Ninguém dá um passo além da mediocridade sem que lhe venham pedradas à nuca”.

Neste número alguns artigos incentivam os leitores a refletir sobre alguns valores que buscamos e outros que devemos rejeitar.

Setembro de 2008, mês do 107º aniversário de fundação da Loja Cayrú. Aproveitemos o período festivo de nossa Loja para buscarmos sustentação no passado e continuarmos nossa busca rumo ao futuro, ou então, o hoje terá sido meramente o amanhã de ontem. Em dezembro, teremos o Natal. Natal! Festa Universal abrangente, calorosa que a todos envolve. Que a maior festa da cristandade e da civilização surgida no cristianismo Ocidental envolva a todos junto aos familiares e amigos, sem que esqueçamos do verdadeiro espírito natalino.

Em 2008, vencemos vários desafios. Que em 2009 possamos continuar firmes em nossos propósitos, sendo merecedores das bênçãos do Pai Celestial. Muito por fazer, ainda, está por vir. Basta que enterremos nossos vícios e desenvolvamos nossas mais sublimes virtudes.

O Redator

EXPEDIENTE

REDATOR: ELVANDRO DE AZEVEDO BURITY

SECRETÁRIO: CARLOS LOUREIRO AMARANTE

REVISÃO: ISÁQUE RUBINSTEIN

Redação e Administração:

Rua Ana Barbosa, 16 - Sobrado - Méier - Rio de Janeiro - RJ

CEP 20735-120

Tel. Fax - (0 xx 21) 2594-0224 - (0 xx 21) 2269-1895

E-MAIL - lojacayru@cayru.com.br

HOME PAGE - <http://www.cayru.com.br>

Este Boletim, patrocinado pela Loja Maçônica Cayrú, publicará trabalhos abrangendo assuntos maçônicos e os que em geral puderem interessar.

A publicação de artigos é livre, sujeita, porém, ao critério da ADMINISTRAÇÃO DA LOJA CAYRÚ. A Redação não assume o compromisso de fazer revisão, não devolve os artigos, mesmo os não publicados. Tendo em vista o espaço disponível, solicita-se a quem nos honrar com sua colaboração, que o entregue em disquete 3 1/2, digitado no word, espaço simples, limitado a uma folha tamanho A4. Poderá, também, ser enviado por mensagem eletrônica. Em ambos os casos, sempre, com a indicação e/ou identificação do autor, não se admitindo pseudônimo ou anonimato.

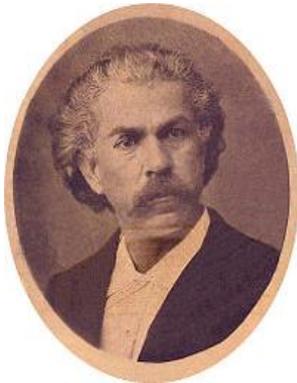
Os conceitos emitidos em artigos são de responsabilidade do autor, não representando, necessariamente, o pensamento da Direção do Boletim, nem da Loja que o patrocina.

Distribuição gratuita.

Confecção Gráfica
RosaNorte Artes Gráficas Tel. 0 xx 21 3105-5471

Homenagem Especial

Administração do Boletim O CAYRÚ



CARLOS GOMES

Carlos Gomes faz jus ao nosso reconhecimento pelo seu grande espírito de brasilidade, que sempre conservou, mesmo no estrangeiro. Quando da estréia O Guarani, em Milão, o famoso tenor italiano Villani, escolhido para o papel de Peri, criou um problema: ele usava barbas, e recusava-se a raspá-las. Carlos Gomes protestou: “Onde se vira índio brasileiro barbado?” mas, afinal, tudo se acomodou. O tenor era um dos grandes cartazes da época e não podia ser dispensado. Assim, acabou cantando, após disfarçar os pêlos, com pomadas e outros ingredientes. A procura de instrumentos indígenas foi outro tormento para o maestro. Em certos trechos de música bárbara e nativa, eram necessários borés, tembis, maracás ou inúbias. Andou por toda a Itália, mas não os encontrou, e foi preciso mandar fazê-los, sob sua direção, numa afamada fábrica de órgãos, em Bérghamo.

Antônio Carlos Gomes (Campinas, 11 de julho de 1836 — Belém do Pará, 16 de setembro de 1896) foi o mais importante operista brasileiro, com carreira de destaque principalmente na Europa. Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no Teatro alla Scala.

Carlos Gomes nasceu em Campinas e ficou conhecido por Nhô Tônico, nome com que assinava, até, suas dedicatórias. Nasceu numa segunda-feira numa humilde casa da rua da Matriz Nova, na “cidade das andorinhas”. Foram seus pais Manuel José Gomes (Maneco Músico) e dona Fabiana Jaguari Gomes.

A vida de Antônio Carlos Gomes foi, sempre, marcada pela dor. Muito criança ainda, perdeu a mãe, tragicamente. Seu pai vivia em dificuldades, com 26 filhos para sustentar. Com eles, formou uma banda musical, onde Carlos Gomes iniciou seus passos artísticos. Desde cedo, revelou seus pendores musicais, incentivado pelo pai e depois por seu irmão, José Pedro Santana Gomes, fiel companheiro das horas amargas.

É na banda do pai que ele vai fazer, em conjunto com seus irmãos, as primeiras apresentações em bailes em concertos. Nessa época, Antônio Carlos Gomes alternava o tempo entre o trabalho numa alfaiataria costurando calças e paletós, e o aperfeiçoamento dos seus estudos musicais.

Aos quinze anos de idade, compôs valsas, quadrilhas e polcas. Aos dezoito anos, em 1854, compôs a primeira Missa, Missa de São Sebastião, dedicada ao pai e repleta de misticismo. Na execução cantou alguns solos. A emoção que lhe embargava a voz comoveu a todos os presentes, especialmente ao irmão mais velho, que lhe previa os triunfos. Em 1857, compôs a modinha Suspiro d'Alma com versos do poeta romântico português Almeida Garrett.

Ao completar 23 anos, já apresentara vários concertos, com o pai. Moço ainda, lecionava piano e canto, dedicando-se, sempre, com afinco, ao estudo das óperas, demonstrando preferência por Giuseppe Verdi. Era conhecido também em São Paulo, onde realizava, freqüentemente, concertos, e onde compôs o Hino Acadêmico, ainda hoje cantado pela mocidade da Faculdade de Direito. Aqui, recebeu os mais amplos estímulos e todos, sem discrepância, apontavam-lhe o rumo da Corte, em cujo conservatório poderia aperfeiçoar-se. Todavia, Carlos Gomes não podia viajar porque não tinha recursos.

Em 4 de setembro de 1861, foi cantada, no Teatro da Ópera Nacional, A Noite do Castelo, o primeiro trabalho de fôlego de Antônio Carlos Gomes, baseado na obra de Antônio Feliciano de Castilho. Constituiu uma grande revelação e um êxito sem precedentes, nos meios musicais do País. Carlos Gomes foi levado para casa em triunfo por uma entusiástica multidão, que o aclamava sem cessar. O Imperador, também entusiasmado com o sucesso do jovem compositor, agraciou-o com a Ordem da Rosa.

Carlos Gomes conquistou logo a Corte. Tornou-se uma figura querida e popular. Seus cabelos compridos eram motivo de comentários, e até ele ria das piadas. Certa vez, viu um anúncio, que fora emendado: de “Tônico para cabelos”, fizeram “Tônico, para os cabelos!”. Virou-se para seu inseparável amigo Salvador de Mendonça e disse, sorrindo: - Será comigo? Francisco Manuel costumava dizer, a respeito do jovem musicista: “O que ele é, só a Deus e a si o deve!”

A saudade de sua querida Campinas e de seu velho pai atormentava-lhe o coração. Pensando também na sua amada Ambrosina, com quem namorava, moça da família Correia do Lago, Carlos Gomes escreveu essa jóia que se chama Quem sabe?, de uma poesia de Bittencourt Sampaio, cujos versos “Tão longe, de mim distante... “ ainda são cantados pela nossa geração. Dois anos depois desse memorável triunfo, Carlos Gomes apresenta sua segunda ópera, Joana de Flandres, com libreto de Salvador de Mendonça, levada à cena em 15 de setembro de 1863.

Como corolário do êxito, na Congregação da Academia Imperial de Belas Artes, foi lido um ofício do diretor do Conservatório de Música, comunicando ter sido escolhido o aluno Antônio Carlos Gomes para ir à Europa, às expensas da Empresa de Ópera Lírica Nacional, conforme contrato com o Governo Imperial. Estava, assim, concretizada a velha aspiração do moço campineiro, que, mesmo comovido, ao ir agradecer ao Imperador a magnanimidade, ainda se lembrou do seu velho pai e solicitou para este o lugar de mestre da Capela Imperial. Dom Pedro II, enternecido ante aquele gesto de amor filial, acedeu.

Cercado por autoridades e amigos, com o governador Lauro Sodré à cabeceira, Carlos Gomes morreu às 22 horas e 20 minutos de 16 de setembro de 1896. Seu corpo foi embalsamado, fotografado e, em seguida, exposto à visitação pública, cercado de flores e objetos como partituras e instrumentos, bem de acordo com a idealizada “morte bela” do Romantismo. Descrevendo os cenários da morte, os jornais tratavam com solenidade o acontecimento, destacando o repouso, o sono intérmino, o triunfo silente do grande artista. Diziam os jornais, o maestro não morrera; antes, cruzara os umbrais da Fama!

Dois dias depois do falecimento, o corpo do maestro foi transferido para o Conservatório de Música. O cortejo varou a noite de Belém. Desatrelado das parelhas de animais, o carro funerário era conduzido pelo povo, numa insólita romaria colonial anunciada pelos acordes de O Guarani e iluminado pelas velas e archotes levados no préstito ou dispostos nas varandas das casas. De 18 a 20 de setembro de 1896, o corpo ficou exposto em câmara ardente nos salões do Conservatório de Música, que se transformou em santuário cívico e espaço para as representações do afeto coletivo pelo compositor, como registram as imagens de época. Em seguida, foi levado para o Cemitério da Soledade, um misto de panteão e cemitério-jardim, onde estavam sepultados heróis da guerra do Paraguai, como o general Henrique Gurjão, acompanhado por aproximadamente 70 mil pessoas, que levavam andores, quadros, alegorias e guirlandas. Numa Belém cujos círculos letrados eram fortemente influenciados pelo positivismo, o cortejo fúnebre tornou-se uma verdadeira procissão cívica, em grande parte por iniciativa também do governo do Pará, que instrumentalizou a morte de Carlos Gomes.

O maestro porém, não foi sepultado em Belém. A pedido do presidente do Estado de São Paulo, Campos Salles, o compositor foi levado para lá, com honras e transporte militares, a bordo do vapor Itaipu. Antes, na setecentista Catedral da Sé no Pará, foi celebrada uma missa de réquiem entoando-se uma Elegia a Carlos Gomes. Seu ataúde dominava o centro de um monumento funerário de quatorze metros de altura, em um catafalco encomendado por Lauro Sodré. O culto aos grandes homens dava forma à religião cívica do positivismo e exaltava os nomes reconhecidos pela Humanidade. Ao final das cerimônias litúrgicas e ao deixar o porto de Belém rumo a Santos, o Itaipu não transportava apenas os restos de Carlos Gomes. Também conduzia o corpo de um mito que alimentara a imaginação de um Brasil singular até mesmo em suas representações. Diante de seu estado, pouco antes de morrer o governo de São Paulo autorizou uma pensão mensal de dois contos de réis, enquanto ele vivesse e, por sua morte, de quinhentos mil réis, aos seus filhos, até completarem a idade de 25 anos. Nessa ocasião, existiam somente dois filhos do glorioso maestro. Dias antes de sua morte, Carlos Gomes diria, fatalista: “Qual, o mano Juca não chega... eu sou mesmo o mais caipora dos caipiras...”

O glorioso despojo do maestro, se encontra hoje no magnífico monumento-túmulo, em Campinas, sua terra natal, na Praça Antônio Pompeu. Em 1936, em todo o País, foi comemorado o centenário de seu nascimento, com grandes solenidades.



A Inveja

Transcrito de
www.momento.com.br

Você tem inveja do seu colega de trabalho? Você é daqueles que costumam vasculhar as folhas de pagamento dos colegas, na ânsia de descobrir injustiças cometidas pelo seu patrão?

Você sente inveja quando recebe um pequeno aumento salarial? Você acredita que é um injustiçado e que o seu esforço não está sendo reconhecido? Então conheça a história de Álvaro, um funcionário sério, dedicado e cumpridor de seus deveres. Era empregado da empresa há 20 anos, porém, um funcionário insatisfeito.

Um dia ele dirigiu-se ao dono da empresa para fazer uma reivindicação. Disse-lhe que era seu empregado dedicado e confiável há 20 anos, mas que se sentia injustiçado e acrescentou: “O Juca começou há apenas três anos e está recebendo um salário melhor”.

O patrão fungiu não ouvi-lo e pediu-lhe que fosse até a barraca da esquina. Ele disse estar pensando em oferecer frutas como sobremesa aos funcionários da empresa, após o almoço daquele dia, assim, queria que ele verificasse se na barraca havia abacaxi. Álvaro não entendeu bem a ordem, mas obedeceu. Voltando, muito rápido, informou que o moço da barraca não tinha abacaxi. Quando o dono da empresa perguntou-lhe sobre o preço ele respondeu que não sabia, não havia perguntado, também não soube responder se havia quantidade suficiente para atender todos os funcionários da empresa e, muito menos, se haveria outra fruta para substituir o abacaxi.

O patrão pediu ao Álvaro que se sentasse em sua sala e chamou o Juca. Deu-lhe idêntica ordem: “Estou pensando em servir uma sobremesa de frutas aos nossos funcionários, hoje, após o almoço. Há uma barraca de frutas na esquina, vá até lá e verifique se vendem abacaxi”. Oito minutos depois, Juca voltou com as seguintes informações: eles têm abacaxi e em quantidade suficiente para todo o nosso pessoal. Têm, também, laranjas, bananas, melões e mamões. O abacaxi custa R\$1,50 cada um; a banana e o

mamão, R\$1,00 o quilo; o melão R\$1,20 a unidade; e a laranja descascada, R\$20 o cento. Argumentei que a compra seria em grande quantidade, por isso ele concederá um desconto de 15%. Deixei reservado. Conforme a sua decisão, voltarei lá e confirmarei.

Agradecendo as informações, o patrão dispensou o Juca e voltando-se para o Álvaro perguntou-lhe:

- Álvaro, sobre o que você estava querendo falar comigo?

Alvaro levantou-se, encaminhou-se para a porta dizendo: “Nada de importância, patrão. Perdoe-me. Com sua licença”.

No transcurso da vida, muitas vezes, tomados pelo ciúme, revelamos nossas frustrações ante o sucesso dos bem-sucedidos sem analisarmos os seus reais méritos que, certamente, foram conquistados com esforços, sacrifícios, renúncias e muita determinação.

Invejamos a fortuna alheia, mesmo desconhecendo a sua origem, porque ela nos deprime, faz-nos sentirnos impotentes e incapazes.

Invejamos aqueles que se sobressaem nas artes, nos esportes, nas profissões ou em quaisquer segmentos da sociedade porque enxergamos apenas o momento da glória, o apogeu efêmero que, em curto espaço de tempo, será mais um registro de façanha, e esquecemo-nos das horas intermináveis de ensaios, treinamentos exaustivos e das horas de lazer substituídas por longas horas de estudos dos dinâmicos funcionários aspirantes a altos cargos nas empresas.

O pior caminho é a inveja. Sábia e inteligente é a decisão de estabelecer um objetivo e pugnar sem esmorecimento, até alcançá-lo.



A inveja, conforme Sebastián de Covarrubias, gravura século 16

A Maledicência

*Publicado na Revista Consciência -
veículo independente, não vinculada
a Potências ou Lojas Maçônicas.*

Antes de falarmos, aconselha um sábio mestre espiritual, tende o cuidado de examinar se aquilo que ides dizer satisfaz a estes três requisitos: ser verdadeiro, agradável e animador. Do contrário, deixai-vos ficar calados”.

Infelizmente, não aprendemos ainda a virtude do silêncio e, o que é pior, experimentamos um prazer imenso em falar desnecessariamente e em demasia, descambando, muitas vezes, pra a maledicência, sem que percebermos isso.

Basta que duas ou mais pessoas se reúnam em conversação livre para que, instantes depois, já estejam a dizer mal dos outros.

Administração, política, negócios, religião, festas sociais, parentela etc., tudo serve para conduzir-nos aos falatórios inconsiderados em torno de nossos semelhantes que, uma vez iniciados, podem prolongar-se por horas a fio, eis que nunca faltam “Judas” para serem malhados.

Curioso: nenhum de nós tem pressa em divulgar notícias sérias, sobre assuntos de relevante interesse para a humanidade; mas, com que sofreguidão disputamos a primazia de passar adiante fatos e boatos desagradáveis, deprimentes ou que possam provocar escândalo!

Não raro, aquilo que nos chega aos ouvidos são meras conjecturas e suposições maldosas, às quais não deveríamos dar o menor crédito.

Levianamente, porém, não só as transmitimos a outrem, emprestando-lhes detalhes fantasiosos, para melhor convencer os que nos escutam. Quanto desamor ao próximo ressalta dessas atitudes!

Ainda que nós mesmos tenhamos tido oportunidade de presenciar certas cenas ou episódios que nos pareçam comprometedores, manda a prudência nos abstermos de comentá-los, porque cada um de nós é levado a julgar as coisas que vê segundo as inclinações de seu próprio coração, e isso altera fundamentalmente o verdadeiro juízo delas.

A maledicência provém do mau uso que temos de intrometer-nos na vida alheia. Sem dúvida, haverá ocasiões em que, percebendo que uma pessoa esteja a proceder erroneamente, teremos o dever de, muito em particular e com delicadeza, procurar fazê-la convencer-se de tal; nunca, entretanto, alardear com terceiros fraqueza e deslizes que também estamos sujeitos a cometer.

Eis, entre outros, alguns textos específicos magníficos tratados da ciência de bem viver, e que reprova a maledicência, o mexerico, as murmurações e semelhantes, instruindo-nos, por outro lado, como empregar nobremente o dom da palavra:

“Toda palavra ociosa que falarem os homens, darão conta dela no dia do juízo”. (Mat., 12:36)

“Os maledicentes não entrarão no reino de Deus”. (I Cor., 6:10)

“Nenhuma palavra má saia de vossa boca, senão só a que seja boa para edificação da fé, de maneira que dê graça aos que a ouvem”. (Ef., 4:29)

“Evita o falatório vão e profano, porque produzirão maior impiedade”. (II Tim., 2:16)

Atentos a essas advertências e exortações, tratemos, então, de exercer severo controle da língua, utilizando os sagrados recursos de expressão que a bondade de Deus nos há concedido, com a mesma dignidade e pureza com que Jesus, conversando legou-nos essa maravilha, que é a Doutrina Cristã.

I



... que os Irmãos vivam em união...

RÉQUIEM A UM HOMEM DE BEM

*Irmão Dirceu Gonçalves de Lima
Loja Cayrú-762*



Orlando Brito Silva, praça de 1963, RG 08643, grau 33 na maçonaria, advogado militante, major reformado-compulsado por limite de idade em dezembro de 1987, pois nascido em novembro de 1935, contava com cinquenta e dois anos de idade, dos quais vinte e quatro dedicados à Polícia Militar, organização a que serviu e honrou.

Profissional dedicado, companheiro leal, nós que convivemos com ele nos bancos escolares da antiga Escola de Formação de Oficiais, privando do mesmo alojamento por intermináveis três anos de formação, que participamos da luta diária pelo aprendizado, das angústias, das tristezas e das alegrias, somos testemunhas do seu esforço para galgar o oficialato, pois tendo sido praça por dois anos sabia das dificuldades que teria de enfrentar ao ostentar o galão de oficial - em nenhum momento esmoreceu.

Serviu a esta corporação como bem poucos serviram, sempre colocando os interesses da organização acima de seus interesses pessoais, como oficial de informações, durante vários anos, sempre agiu com discrição e justiça e denodado amor corporativo. Posteriormente, servindo no Gabinete do Presidente do Tribunal de Justiça, portou-se como um exemplar policial militar, sempre impecavelmente fardado, com seu uniforme de instrução, percorria os corredores daquela casa com desenvoltura, disciplinando aqueles

que a si se subordinavam, instruindo-os e orientando-os, sem descuidar-se de apoiar os companheiros e defendê-los nas horas próprias, junto àquela corte. E assim foi sua trajetória - Justa e Perfeita.

Quis o destino que ao passar para a inatividade retornasse à sua terra natal, o Estado de Sergipe... no município de Ilhas das Flores sentiu as dores da viuvez, sem filhos e descendentes, optou por constituir uma nova família que o apoiasse em seus projetos ambiciosos de progresso da região. Dedicou-se à criação de camarões, frequentando vários cursos que o habilitassem a instruir aquela comunidade, no novo mistér. Vivia momento de rara felicidade. Para o meu contentamento, tive o privilégio de viver estes seus momentos, junto a sua esposa nos últimos meses do ano de 2007.

Porém, como Deus sempre quer para o seu reino os melhores, chamou nosso Irmão ao seu convívio no domingo do último carnaval.

Não fosse a forma trágica como sua vida foi ceifada, pois fora assassinado por motivo fútil, por um algoz que pouco o conhecia e nenhuma motivação teria para praticar gesto tão desumano, quem sabe impulsionado pela sua incompreensão sobre seus reais objetivos no cultivo daqueles alevinos, diante da dor de seus familiares e amigos, não se encontram explicações.

Porém, quero assim deixar a minha homenagem àquele de quem os milicianos e os maçons têm as melhores recordações e agradecer ao Grande Arquiteto do Universo e a si, por ter me dado a oportunidade do convívio e de ter sido o companheiro escolhido para privar de seus últimos momentos de vida.

Obrigado Brito!

Macéio, Março de 2008.

O Distanciamento

Irmão Nelson Vieira de Souza - GOB-MS

A gente adquire mais flores no jardim da vida e passa a ficar mais exigente para alguns e para outros ranzinza. Mas saibam não é que queiramos ser assim. Com a experiência a observação fica aguçada, e isso nos leva a querer entender certas coisas ou o porquê de estar acontecendo algo dicotômico, de dois pesos e duas medidas.

Vejam os seguintes: na maçonaria todos os membros, independentes de credo, raça, posição social, recebem o tratamento de irmãos, isso já a partir do dia da iniciação. Ensinos são ministrados paulatinamente. Todos de real importância. Somos uma família, constituída de muitos e muitos irmãos, cunhadas e sobrinhos.

E isso lembra aquela máxima: *“todos por um e um por todos”*, frase atribuída aos lendários três mosqueteiros, que não eram três e sim quatro ou cinco.

Entretanto, sinceramente, vem ocorrendo distanciamento de irmãos para irmãos, de lojas para irmãos e vice-versa. Temos visto formações de grupos em lojas em detrimento dos demais e isso não é salutar para quem tem obrigação de promover a igualdade, sobretudo com transparência. A fraternidade perante aqueles irmãos acometidos de enfermidades que os impede de frequentar sessões. Será que temos agido de acordo com os preceitos maçônicos?

Com referência aos irmãos doentes, as notícias vêm através de iniciativas isoladas, cuja frequência fica abaixo do desejado. Cadê a tão decantada fraternidade. Só se é irmão quando ativo da loja? Irmãos são abandonados. Os familiares dos irmãos enfermos são os primeiros a questionar: *“Puxa fulano, os seus irmãos esqueceram de você!”* E tem sido uma realidade. Não adianta querer tapar o sol com a peneira. A liberdade nos impele a franqueza das palavras.

Observem que a abordagem é relativa a problemas de saúde. Mas, e quanto aos outros casos de abandono de parte a parte, ninguém se preocupa em saber o (s) motivo (s) culminante (s) para o (s) acontecimento (s).

Irmãos falecem e as viúvas, nossas cunhadas e sobrinhos, gradativamente são esquecidos, relegados a Deus dará. Será que nada valeu enquanto durou a

permanência e o que fizeram aqueles irmãos pela loja. Não foi isso que aprendemos. Onde está a fraternidade? Precisamos repensar, somos ou não somos uma família. Meus irmãos sentimos em dizer, mas a verdade não pode ser encoberta por aqueles que têm o dever moral de primar pelo justo e perfeito em ambas as colunas.

Irmandade tem validade para os bons momentos. Tão somente? NÃO. A verdadeira é aquela posta em prática (principalmente) em ocasiões adversas, oportunidade de demonstrar que se é Irmão para o que der e vier.

Precisamos impedir e/ou conter o distanciamento.

O tratamento dado aos irmãos inativos, às viúvas e sobrinhos carece de mais atenção de nossa parte. Desculpem mas estamos deixando a desejar. Sem dúvidas há exceções. Existem lojas solidárias nas fases tristes e alegres dos irmãos do quadro. Atitudes exemplares de irmandade.

A união cantada em versos (Salmo 133 do Livro da Lei) é lembrete diuturno de que dentro ou fora de loja, todos são Irmãos, com letra maiúscula, enquanto merecedores.

I



Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união.

É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes.

Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o SENHOR ordena a bênção e a vida para sempre.

20 de setembro de 1714

José Castellani

“A 20 de setembro de 1714, o rei George I fez, em Londres, magnífica entrada. Após o fim da rebelião, em 1716, as poucas Lojas de Londres, julgando-se negligenciadas por sir Christopher Wren (1), julgaram oportuno fundir-se sob a autoridade de um Grão-Mestre, como centro de união e harmonia.. E as Lojas que assim se encontraram eram:

1. A da cervejaria “The Goose and Gridiron” (O Ganso e a Grelha), no pátio da Igreja de São Paulo.

2. A da Cervejaria “The Crown” (A Coroa), em Parker’s Lane, próximo de Drury Lane.

3. A da Taberna “The Apple Tree” (A Macieira), em Charles Street, no Covent Garden.

4. A da Taberna “The Rummer and Grapes” (O Copázio e as Uvas), em Chanell Row, no Westminster.

Essas Lojas, assim como antigos irmãos, reuniram-se na “A Macieira”, tendo, em seguida, designado, como Venerável, o mais antigo mestre, constituíram-se em uma Grande Loja “pro tempore” na devida forma e, desde logo, a reunião trimestral das oficinas das Lojas estava reconstituída. Depois decidiram realizar uma assembléia anual, com festa, e escolher, naquela ocasião, entre eles, um Grão-Mestre, até que conseguissem a honra de ser dirigidos por um irmão nobre.

(...) No dia de São João Batista, durante o terceiro ano de reinado de George I (Ano Dei 1717), a Assembléia e a Festa dos Maçons Livres e Aceitos realizaram-se na cervejaria “O Ganso e a Grelha”. Antes do jantar, o mais antigo mestre, que presidia, propôs uma lista de candidatos convenientes. Os irmãos presentes, levantando as mãos, designaram Mr. Anthony Sayer (2), gentil homem, Grão-Mestre dos franco-maçons — Jacob Lamball, carpinteiro, e Joseph Elliot, capitão, Grandes Vigilantes — o qual imediatamente foi investido, pelo citado mais antigo mestre, com as insígnias do ofício e do poder, e instalado (...)

Esses trechos são parte da única referência à criação do sistema obediencial, com a Premier Grand Lodge, em Londres, em 1717, e fazem parte do relatório do pastor James Anderson (3), publicado na edição de 1738, da Constituição da Grande Loja, elaborada por ele e publicada em 1723, como compilação dos antigos usos e costumes da Maçonaria.

Essa Constituição tornou-se o instrumento jurídico básico da moderna Maçonaria, dele derivando toda a legislação posterior, incluindo as diversas classificações de landmarks. No capítulo intitulado “The Charges of a Free-Mason” (Obrigações de um franco-maçom), consta, explicitamente, no item IV, o seguinte:

“(...) E para poder melhor exercer seu ofício e de um modo mais fácil e mais honrado, o Grão-Mestre tem o poder de escolher seu próprio Deputado Grão-Mestre, que deve ser, ou ter sido, antes, o Mestre de uma Loja particular, e tem o privilégio de fazer tudo quanto o Grão-Mestre, seu Principal, pode fazer, a menos que o dito Principal esteja presente, ou não interponha sua autoridade por uma carta. Esses dirigentes e governantes, supremos e subordinados, da antiga Loja, devem ser obedecidos em seus cargos respectivos por todos os irmãos, segundo as Antigas Obrigações e Regras, com toda humildade, reverência, amor e alegria”.

Já, no capítulo intitulado “General Regulations” (Regulamentos Gerais), podemos encontrar os seguintes textos:

“A Grande Loja é formada por Mestres (obs.: Veneráveis) e Vigilantes de todas as Lojas regulares e particulares registradas, com o Grão-Mestre à frente, e seu Deputado à sua mão esquerda, e os Grandes Vigilantes em seus lugares respectivos. (...) Todos os assuntos devem ser resolvidos na Grande Loja pela maioria de votos, cada membro tendo um voto e o Grão-Mestre dois votos, a menos que a dita Loja defina algum assunto particular para a decisão do Grão-Mestre, por motivo de urgência”.

A Grande Loja — que é, na realidade, um conselho de Veneráveis e Vigilantes, somado aos membros da Administração — é, então, o órgão consultivo e deliberativo máximo, totalmente representativo, porque é formado pelos dirigentes de todas as Oficinas, podendo, inclusive, advertir o Grão-Mestre quando este abusar de seu poder. E a administração de uma Obediência é formada, tradicionalmente, como se fosse uma Loja, tendo, além do Grão-Mestre e do Deputado Grão-Mestre, dois Grandes Vigilantes, um Grande Orador, um Grande Secretário, um Grande Tesoureiro, e assim por diante.

Esse sempre foi o sistema tradicional, para todas as Obediências que existem no mundo, com o Grão-Mestre como autoridade máxima e revestido de todos os poderes, com o auxílio do órgão denominado Grande Loja e prestando contas à Assembléia Geral, que é sempre a instância máxima.

Mesmo no sistema de Grande Oriente — e são raríssimos os Grandes Orientes, em todo o mundo — isso sempre sucedeu. Basta lembrar que o Grande Oriente Brasílico, fundado a 17 de junho de 1822, tinha a sua administração como a de uma Loja (com a adição do título “Grande”, às Dignidades e aos Oficiais) e, das 19 sessões realizadas até 25 de outubro, quando foi fechado, por injunções políticas, sete foram Assembléias Gerais e uma de Grande Loja. Quando a Obediência foi reerguida, em 1831, como Grande Oriente do Brasil, a organização era essa mesma e perdurou durante muito tempo. No final do século XIX, com quase oitenta anos de existência, o Grande Oriente do Brasil dispunha da Assembléia Geral dirigida pelo Grão-Mestre, e da Grande Loja Central. Esses Corpos, posteriormente, evoluíram para Assembléia Legislativa, com representantes de todas as Lojas, e Conselho Geral, diferenciando-se, totalmente, da esmagadora maioria das Obediências existentes e copiando a estrutura governamental da República Brasileira, inclusive no Poder Executivo, onde desapareceram os cargos de Grandes Oficiais, substituídos por aqueles similares aos dos ministros de Estado.

Todavia, mesmo com essa grande alteração estrutural, sempre foi, a figura do Grão-Mestre, constitucionalmente reconhecida como autoridade máxima, tanto que é dada, a ele, a incumbência de sempre representar a Obediência, em juízo, ou fora dele. Essa autoridade jamais foi contestada, jamais se pensou em colocar, no dirigente máximo, uma camisa de força imposta por peias legislativas, jamais se tentou postergar o Poder Executivo, em benefício de outros dos Poderes implantados na Obediência. E, embora haja controvérsias, nas diversas classificações de landmarks, duas das principais (Mackey e Berthelon) são explícitas: “é um landmark o governo da confraria por um Grão-Mestre eleito”, estendendo-se, a primeira, no que diz respeito as prerrogativas do Grão-Mestre.

Merecem todos os Poderes da Obediência, enquanto restritos às suas atribuições, sem ultrapassá-las, todo o respeito dos maçons. Na realidade, porém, a maior parte das Obediências do mundo — muitas delas no Brasil — que seguem as diretrizes traçadas desde a Premier Grand Lodge, não possuem um legislativo independente, o que significa que, para uma Obediência ser regular, ela não necessita de um Poder Legislativo, que não é, portanto, imprescindível. Em contrapartida, a figura do Grão-Mestre, na plenitude de seus poderes, não pode faltar em qualquer Obediência regular e legítima, o que a torna imprescindível, legalmente, juridicamente e consuetudinariamente.

Notas:

1. Christopher Wren (1632-1723) nasceu em East Knoyle e faleceu em Londres. Foi matemático e arquiteto de Westminster, reputado como chefe dos maçons (operativos). Dirigiu a reconstrução das igrejas londrinas, por ocasião do grande incêndio, de 2 de setembro de 1666, em Londres.

2. Anthony Sayer (1672-1742) foi o primeiro Grão-Mestre da Premier Grand Lodge; morreu em extrema pobreza, sendo obrigado, no final de sua vida, a recorrer à caridade dos Irmãos maçons.

*3. O reverendo James Anderson (1680-1739) nasceu na Escócia, e faleceu em Londres. Em 1710, tornou-se ministro da igreja presbiteriana de Swallow Street, no Piccadilly, em Londres. Muito ligado a Jean Théophile Désaguliers (1683-1744) — eleito Grão-Mestre da Premier Grand Lodge, em 1719 — Anderson foi incumbido, por isso, do importante trabalho de elaborar a Constituição. Além desta, publicou outras obras — como *Unity in Trinity*, sobre a fé cristã — e exerceu cargos como o de Venerável Mestre da Loja n° 17.*

I

“Poucos homens vivem o presente, a maioria está ocupada, se organizando para viver mais tarde.”

Jonathan Swift

1667-1745

Escritor irlandês,

autor de *As Viagens de Gulliver*.

A Inconfidência Mineira

M.: M.: Manuel Dantas Campos Neto- Loja Cayrú 762

Fatores determinantes

No final do século XVIII a colônia conscientizou-se da exploração a que era submetida e iniciou os movimentos que objetivavam a libertação do domínio português. Porém esses movimentos só podem ser entendidos dentro de um contexto que engloba a crise do capitalismo comercial e a passagem para o capitalismo industrial, essa consequência direta da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

O surgimento do capitalismo industrial trouxe a necessidade de se estabelecer novas relações econômicas entre os países. O livre-cambismo, política econômica da industrialização, forçava a abertura de novas frentes de comércio. Portanto, era necessário o fim do pacto colonial, pois este era um obstáculo às livres relações comerciais entre nações.

A extinção do pacto colonial interessava em muito à aristocracia agrária, principalmente, pela possibilidade de se livrar dos monopólios e da submissão à Coroa Portuguesa.

Com a Revolução Industrial a Inglaterra tornou-se o centro do capitalismo, subordinando, economicamente antigas metrópoles e suas colônias, dando nova forma ao sistema de relações entre as nações.

Dessa forma, a Inglaterra garantia para si os mercados produtores de matérias primas e os mercados consumidores de produtos industrializados. Em contra partida, Portugal não se encontrava em condições de avançar para a nova fase do capitalismo, em virtude de não ter acumulado capital

suficiente para iniciar a sua industrialização e ficou preso ao mercantilismo e ao absolutismo. Com a Revolução Industrial, a burguesia se firmou na ideologia do liberalismo político e econômico, expressão política que buscava formas representativas de governo. Ideologia essa colocada em prática por ocasião da revolução francesa, ocorrida em 1789, a qual derrubou de forma violenta o absolutismo. Nas colônias, os movimentos políticos sofreram a sua influência. Por outro lado, a independência dos Estados Unidos, primeiro país do continente americano a romper com os laços coloniais, ocorrida em 1776 foi a prova de que o colonialismo mercantilista podia ser derrotado.

Enquanto isso, no Brasil, segundo a historiadora Emilia Viotti da Costa, O enriquecimento e o aumento da população colonial, principalmente depois da descoberta do ouro, aumentou as exigências de troca e a ampliação do mercado europeu, fazendo crescer a procura de produtos coloniais, o que aumentou, ainda mais, o ódio aos monopólios e às restrições comerciais, criando na colônia um ambiente hostil a Portugal e favorável à pregação revolucionária.

O Iluminismo, filosofia revolucionária da burguesia do século XVIII, consolidou o lema “Liberdade, Igualdade (perante a lei), Fraternidade”, foi o pensamento que orientou estes movimentos políticos contrários ao Antigo Regime.

O Movimento

A partir do século XVIII, o desenvolvimento da colônia sofreu um entrave devido aos rigores da política mercantilista, que impedia qualquer progresso que beneficiasse a colônia.

Na região de Minas Gerais, no ano de 1789, ocorreu o primeiro movimento de tentou realizar a libertação colônia, onde a opressão da metrópole era concentrada nos monopólios e na fiscalização. Esse movimento foi fortemente influenciado pela independência dos Estados Unidos e baseou-se nas idéias revolucionárias do século XVIII, as quais chegaram ao Brasil

por meios de estudantes, filhos de famílias abastadas, que estudavam na Europa.

A conspiração foi encabeçada por membros da elite econômica letrada, tais com: Tomás António Gonzaga (poeta e escritor); Cláudio Manuel da Costa (escritor e poeta), muito rico, emprestava sua residência para as reuniões dos conspiradores; Inácio Alvarenga Peixoto, poeta e minerador; José Álvares Maciel, estudante fiel defensor dos ideais iluministas; tenente-coronel Francisco de Paula Freire, comandante do Regimento de Dragões, tropa militar de Minas Gerais, subordinada ao governador de Minas Gerais.

Entre esses se encontrava o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que foi o mais popular dos conspiradores. Apesar de não ter sido o idealizador do movimento, teve uma participação muito importante na propagação das idéias revolucionárias junto ao povo, tentando, com isso, arregimentar adeptos ao movimento. Porém, o povo não o apoiou e, ainda, o chamava de louco.

A falta do apoio popular devia-se ao temor de uma represália violenta por parte do governo português, que em outras ocasiões já reprimira com radicalismo alguns movimentos rebeldes. Além disso, a maior parte da população era constituída de negros, índios e brancos, pobres, para os quais o fim do pacto colonial não alteraria em nada as suas miseráveis vidas.

Os projetos dos Conjurados eram: romper com Portugal e adotar o regime republicano, cuja Capital da Nova república seria São João Del Rei; criar indústrias no Brasil; criar a Universidade de Vila Rica; adotar o serviço militar obrigatório e conceder pensão a famílias numerosas. Com relação a abolição da escravidão o maior problema social do Brasil, os inconfidentes não tinham uma posição definida e não a levaram em consideração, além do mais, a maioria era proprietário de escravos.

O movimento aconteceria no dia do recolhimento dos impostos, o chamado dia da derrama, com a finalidade de aproveitar a insatisfação popular. Tiradentes, além de tentar o apoio popular, buscou, também, o apoio entre os maiores devedores da Coroa, pois, teoricamente, seriam os mais interessados na luta contra Portugal. Entre esses grandes devedores encontra-se Joaquim Silvério dos Reis que participou de algumas reuniões e resolveu denunciar o movimento ao Governador de Minas Gerais, o Visconde de Barbacena, em troca do perdão fiscal. Com isso o Governador suspendeu a derrama e decretou a prisão dos denunciados, os quais foram enviados para o Rio de Janeiro, onde também fora preso Tiradentes, que para lá se dirigira em busca de apoio. Lá eles responderam pelo crime de falta de fidelidade ao

rei, pelo qual foram condenados. Tiradentes assumiu a responsabilidade de líder da conjura e todos os demais negaram suas participações no movimento. Alguns foram condenados ao degredo perpétuo, Cláudio Manuel da Costa morreu na prisão, Tiradentes, o de mais baixa condição social, foi condenado à morte por enforcamento e a sua pena foi executada em 21 de abril de 1792. Sua cabeça foi cortada e conduzida para Vila Rica, o corpo foi esquartejado e os pedaços foram colocados em postes pelos caminhos de Minas Gerais.

Concluindo, a Inconfidência Mineira fracassaria mesmo sem a traição de alguns inconfidentes, como Silvério dos Reis, Brito Malheiros e Correia Pamplona, devido à falta de condições de luta contra repressão portuguesa, foi uma revolução teórica, apegada a discussões estéreis sobre abolição, planos administrativos, “*slogan*” da bandeira a ser adotada e, principalmente, devido à falta de apoio da aristocracia rural, única classe que apresentava condições de luta, pela sua homogeneidade de interesses. Segundo Sérgio Buarque de Holanda: a inexistência de ideológica não invalida o significado da Inconfidência Mineira. Pois ela foi um indicio desagregação do Império português da América, o qual sentiu e tentou, por meio de castigo exemplar, deter a marcha do processo histórico e impedir, pelo terror, que seus domínios seguissem o exemplo da América inglesa. Refletia, por outro lado, os impulsos de um povo que tomava consciência da realidade, suas particularidades e suas possibilidades. Nesse sentido foi nacionalista. Pode-se, portanto, considerá-la, sem hesitação, um movimento precursor da Independência do Brasil.”

Fontes:

- 1 História do Brasil – Francisco de Assis Silva e Pedro Ivo de Assis Bastos
- 2 Almanaque Abril – Edição 2000
- 2 Wikipédia – Enciclopédia virtual

200 ANOS DA VINDA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA – UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA.

Resumo da Palestra proferida na Loja Maçônica Cayrú nº 762 no dia 25/03/2008 pelo Professor de História Gleiner Vinicius Vieira Costa

2008 marca o ducentenário da vinda da família Real Portuguesa. Ocorrem festejos, palestras e uma euforia acadêmica. Contudo o que de fato representou este momento para a história do Brasil e, sobretudo, qual a influência deste fato histórico para a sociedade contemporânea?

De início não se deve pensar se foi bom ou ruim: a ciência da História não permite uma análise como essa, pois tal pensamento desvirtua o investigador – o causa vícios e o impede de analisar com imparcialidade. Outro ponto fundamental é que todo momento histórico deve ser analisado com os olhos do momento. Isto é, situar-se no período ocorrido, não cometendo assim anacronismo que consiste em atribuir a uma época, a um personagem da história, sentimentos, costumes que são de outra época. Assim, todo fato histórico, seja qual for tem sua importância no decorrer do tempo. Citando o grande pensador: “toda ação tem uma reação”, desta forma o passado é a base do presente que será a base para o futuro.

Especificamente no caso da Família Real, ainda é forte o pensamento de uma fuga da monarquia frente à ameaça de invasão do território por parte das tropas francesas de Bonaparte. Entretanto, hoje a historiografia já trata da transferência como algo planejado.

De fato, existia o temor da invasão e a deposição do monarca português, como ocorreu com o monarca espanhol. Porém, desde o século XVII, já se cogitavam a transferência da sede do império ultramarino português: primeiro o padre Antônio Vieira queria que

Portugal se tornasse o quinto grande império (Assírios, Macedônios, Persas e Romanos), depois D. Rodrigo de Souza Coutinho, ministro do exterior articula o plano que faz a família caso sua soberania estivesse ameaçada.

Real desembarcar em terras brasileiras em 1808. Deve ser entendido que com a transferência da corte, D. João mantém a Legitimidade e a legalidade de governar e mais: resguarda a dinastia dos Bragança que governava Portugal desde do fim da União Ibérica em 1640. Outros monarcas tinham planos semelhantes tal como a rainha Áustria poderia descer em direção à África

A família Real navegou em direção ao Brasil com a escolta da Inglaterra, antigo aliado comercial dos lusitanos. Um dos primeiros atos ao desembarcar foi a abertura dos portos as nações amigas, quebrando assim séculos de exclusivo colonial entre Brasil e Portugal. Logo em seguida foram criadas instituições necessárias a um estado administrativo tais como instituições financeiras, acadêmicas, científicas e culturais.

A vinda da família real ofereceu ao Brasil maior liberdade administrativa e econômica, o Brasil ganhou mais autonomia com o desenvolvimento do poder judiciário, além de surgiram manufaturas e uma imprensa. Este fato que influenciou bastante o país, já que um ano após a volta de D. João VI para Portugal o Brasil conseguiu sua independência.

A passagem deixou frutos. Até hoje permanecem de pé algumas das realizações feitas pela passagem do monarca português. O único monarca europeu, de sua época a pisar em terras do novo mundo.



Um dia você aprende...

William Shakespeare

Um dia você aprende que...

De depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença, entre dar a mão e acorrentar uma alma.

E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança.

E começa a aprender que beijos não são contratos e presentes não são promessas.

E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança.

E aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

De depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto por muito tempo.

E aprende que não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam...E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la, por isso.

Aprende que falar pode aliviar dores emocionais.

Descobre que se leva anos para se construir confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante, das quais se arrependerá pelo resto da vida.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.

E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você é na vida.

E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher.

Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam, percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos.

Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa, por isso sempre devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas, pode ser a última vez que as vejamos.

Aprende que as circunstâncias e os ambientes tem influência sobre nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos.

Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que você mesmo pode ser.

Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer ser, e que o tempo é curto.

Aprende que não importa onde já chegou, mas onde está indo, mas se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar serve.

Aprende que, ou você controla seus atos ou eles o controlarão, e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências.

Aprende que paciência requer muita prática.

Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se.

Aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas do que com quantos aniversários você celebrou.

Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha.

Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.

Aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não lhe dá o direito de ser cruel.

Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não o ama, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar isso.

Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, algumas vezes você tem que aprender a perdoar-se a si mesmo.

Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára para que você o conserte.

Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás.

Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.

E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais.

E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida!

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar, se não fosse o medo de tentar.

***Anteprojeto RGF - GOB
(Boletim Especial de 28/04/2008)***

O novo RGF do GOB, publicado que foi no Boletim Especial, de 28 de abril de dois mil e oito, quando aprovado, incorporará aos usos e costumes algumas interessantes modificações. Senão vejamos:

Art. 1º - fixa um teto de renda mensal mínima, aumentando-a para cada dependente que não tenha renda própria, excluída a esposa.

Nota:

1 - Admitida a iniciação de praças com graduação inferior a Terceiro Sargento.

Art. 4º - V - o proponente deverá ter no mínimo, cinquenta por cento de frequência nos últimos doze meses.

Art. 5º § 2º II - declaração formal de que o candidato tomou conhecimento dos princípios e postulados da Maçonaria e dos seus direitos e deveres, se admitido for.

Art. 8º § 2º - as sindicâncias, no mínimo de três.

Art. 17 - na votação de admissão de um candidato tomarão parte exclusivamente os membros do Quadro da Loja, inclusive Aprendiz e Companheiros.

Art. 30 - a documentação do processo de iniciação deixará de ser enviada à Secretaria da Guarda dos Selos. A comunicação de aprovação do candidato será feita por declaração da Loja certificando que todos os documentos exigidos instruíram o processo.

Art. 38 - Estabeleceu normas de procedimento para qualificar o Mestre para os graus superiores em qualquer corpo filosófico.

Art. 49 - Entende-se por efetiva atividade maçônica o tempo de serviços prestados à Maçonaria. Parágrafo único - Para contagem do tempo, não serão considerados os afastamentos por licença de qualquer natureza, suspensão e os interstícios entre a concessão do placet e a filiação em outra Loja.

Art. 52 - O Maçom que pertencer a mais de uma Loja da Federação poderá mediante requerimento solicitar sua exclusão do Quadro sem emissão de quite placet.

Art. 61 - O GOB não admite filiação de seus membros a outra Potência Maçônica, mesmo as que tenham tratados.

Art. 70 - A licença terá seu término quando o Maçom comparecer a qualquer Loja da Federação.

Art. 113 § 2º - Aos Aprendizes e Companheiros é vedada qualquer participação que não seja a apresentação de propostas, discussão e votação dos assuntos constantes da pauta da sessão, desde que não envolvam a conduta de Mestre Maçons.

Art. 121 - O Venerável Mestre só vota nos escrutínios secretos, sendo-lhe reservado o voto de qualidade no caso de empate nas votações nominais.

Art. 122 - Dispõe nova ordem de substituição da direção dos trabalhos da Loja na falta ou impedimento do Venerável Mestre: I) o 1º e 2º Vigilantes; II) o Ex-Venerável Mestre; III) o Decano entre os Grandes Beneméritos da Ordem, Membros da Loja; IV) o Decano entre os Beneméritos da Ordem, Membros da Loja; V) o Decano dos Membros presentes.

Art. 151 - Se o Deputado ou Suplente não obedecer às diretrizes da Loja, valendo-se de seus direitos ela poderá declará-lo incompatível.

Art. 237 do § 1º ao 8º -

1- Distribui os Maçons por novas faixas para o Protocolo e Recepção.

2 - Não mantém o tratamento anteriormente atribuído aos agraciados com os Títulos de Benemérito (Ilustre Irmão), Grande Benemérito (Venerável Irmão), Estrela de Distinção Maçônica (Poderoso Irmão), Cruz de Perfeição (Eminente Irmão) ou D. Pedro I (Sapientíssimo Irmão).

Art. 238 - Dá outras formas de tratamento para autoridades:

- 1a. faixa - Ilustre Irmão
 - 2a. faixa - Venerável Mestre Irmão
 - 3a. faixa - Poderoso Irmão
 - 4a. faixa - Honorabilíssimo Irmão
 - 5a. faixa - Eminente Irmão
 - 6a. faixa - Sapientíssimo
 - 7a. faixa - Soberano
- Mestre Maçom - Respeitável Irmão.

Pesquisa realizada em 14 de junho de 2008

Por Elvandro Burity

Antiga mas atual...

Publicado na internet em setembro de 1999

Autor desconhecido

Adaptação livre do Ir.º Edson Fernando da Silva Sobrinho - M.º I.º.
ARLS Acácia Sertaneja – GOB
Or.º de Feira de Santana
Em 6 de setembro de 1999

COMO PREJUDICAR UMA LOJA

- Não frequente as reuniões, Mas quando for lá ,procure um motivo para reclamar.
- Se comparecer a qualquer atividade procure falhas nos trabalhos de quem está lutando pela Instituição.
- Nunca aceite uma incumbência.
- Lembre-se que é mais fácil criticar do que realizar.
- Se a diretoria pedir a sua opinião sobre um importante assunto, responda que não tem nada a dizer e depois espalhe como deveriam ser feitas as coisas.
- Não faça mais do que o absolutamente necessário, porém quando qualquer Ir.º estiverem trabalhando com boa vontade e com interesse para que tudo corra bem, afirme que sua Loja está dominada por um grupinho e que ele é carreirista e perigoso.
- Não leia o boletim oficial e muito menos os Informativos; Jornais e comunicados da sua Loja.
- Afirme que eles não publicam nada de interessante.
- Se for convidado para qualquer encargo, recuse alegando falta de tempo e depois critique com afirmações do tipo: - Essa turma quer é ficar para sempre nos cargos.

· Quando tiver divergências com um Ir.': procure com toda intensidade criticá-lo. Faça ameaças de abrir processo e de abandonar a Loja, envie cartas aos membros do quadro com acusações...

· Sugira, insista e cobre a realização de congressos, cursos, palestras e campanhas. Quando a Loja realizá-los, não se inscreva, não compareça, não participe..

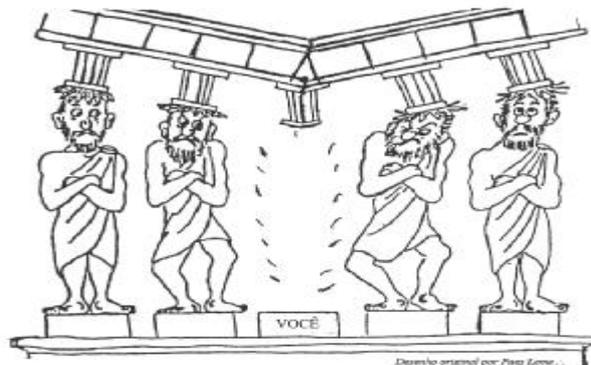
· Se receber um questionário da Loja solicitando sugestões, não preencha e se os Ir.' da diretoria não adivinharem as suas idéias e pontos de vista, critique e espalhe a todos que é ignorado.

· Após toda essa "colaboração espontânea" quando cessarem as publicações, o lazer e todas as demais atividades, enfim, quando sua Loja "abater coluna":

- Estufe o peito e exclame com orgulho:

“EU NÃO DISSE!”

I



Quadro de Obreiros Regulares da Loja Cayrú 762

| NOME DO IRMÃO | MÉRITOS |
|-----------------------------------|---------|
| 1 Ary Azevedo de Moraes * | CPI |
| 2 Eduardo Lourenço * | GB |
| 3 Francisco Borges Ribeiro Neto * | BM |
| 4 Onofre Namoratto * | GB |
| 5 Alfrío Walter de Oliveira * | GB/RM |
| 6 Joaquim Alves Pereira * | BM |
| 8 Dinajar de Oliveira e Silva * | BM |
| 9 José Rodrigues | BM |
| 10 João Lopes Neto * | EDM |
| 11 Edson Pereira de Almeida * | EDM/RM |
| 12 Elvandro de Azevedo Burity * | EDM |
| 13 Álvaro Francisco Canastra | EDM/RM |
| 14 Wanderley Theodorico Vianna * | GB |
| 15 Henrique Marini e Souza * | BM |
| 16 Gilson Léo | GB |
| 17 Daniel Ferreira Brito * | BM |
| 18 José Antônio da Silva * | BM |
| 19 Evanyr Seabra Nogueira | BM |
| 20 Marcus Lopes Bittencourt * | BM |
| 21 Adylson de Albuquerque Ennes * | BM |
| 22 José Nunes de Matos * | BM |
| 23 Ibis Ajorio * | BM |
| 24 Ivo Carneiro * | BM |
| 25 Edson Fortes Rangel * | BM |
| 26 Fernando Conde Sangenis | BM |
| 27 Nilson Pinto Madureira * | |
| 28 Sidnei de Souza Valladolid * | |
| 29 Francisco Carnevali Júnior | |
| 30 Arnaldo da Penha Rosa | |
| 31 Gleiner de Oliveira Costa | |
| 32 Carlos Loureiro Amarante * | |
| 33 Raymundo dos Santos Maia * | |

| NOME DO IRMÃO | MÉRITOS |
|---------------|---------|
|---------------|---------|

- 34 Jorge Manoel Barbosa
35 Fernando Benévolo de Andrade Filho *
36 Antônio Pereira de Lima *
37 Isáque Rubinstein *
38 Luiz de Souza *
39 Paulo Cesar Alves Bernacchi *
40 Mário Victor Bonnet
41 Celso Souza Silva
42 Osny Pacheco Filho
43 Sizenando da Silva
44 Ruy de Oliveira e Silva
45 Alexandre Martins Coelho
46 Wilson Cruz Alves
47 Lourivaldo Costa Cavalcanti
48 Jorge Gomes Rodrigues
49 Adalberto de Almeida Soares Filho
50 André Gustavo dos Santos Valente
51 Dalckson Augusto Vieira
52 George Pacheco Corrêa
53 Luiz Antônio Gomes da Silva
54 Paulo Alexandre da Fonseca Moreira
55 Clóvis José Pascarelli Souza
56 Elmer Augusto Vieira
57 João Roberto Ribeiro de Oliveira
59 José Carlos Queiroz
60 Kleber Luiz Bordoni Pereira
61 Manuel Dantas Campos Neto
62 Érico Sant'Anna Vilela
63 Sidney Pereira Gonçalves
64 Dirceu Gonçalves de Lima
65 Gustavo Magalhães Vieira
66 Luiz Fernando Santa Brígida
67 Alexandre Paiva Frade
68 Jorge Luiz Dias da Silva
69 Leandro de Oliveira Pinho

| | |
|--------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| Comenda D. Pedro I = CPI | Emérito Loja = EM (Const. GOB/2007) |
| Cruz da Perfeição Maçônica = CPM | Remido Loja = RM (Const. GOB/2007) |
| Estrela da Distinção Maçônica = EDM | * = Portador da “Cruz de Distinção Cayrú” |
| Benemérito = BM | e/ou da “Estrela de Mérito Cayrú” |
| Grande Benemérito = GB | |

Administração

2007/2009

VENERÁVEL - RUY DE OLIVEIRA E SILVA
1º VIGILANTE - IBIS AJORIO
2º VIGILANTE - LOURIVALDO COSTA CAVALCANTE
ORADOR - NILSON PINTO MADUREIRA
ORADOR ADJ - DANIEL FERREIRA BRITO
SECRETÁRIO - MANOEL DANTAS CAMPOS NETO
SECRETÁRIO ADJ - DIRCEU GONÇALVES DE LIMA
TESOUREIRO - ELMER AUGUSTO VIEIRA
TESOUREIRO ADJ - LUIZ ANTONIO GOMES DA SILVA
CHANCELER - FERNANDO CONDE SANGENIS
CHANCELER ADJ - JOSÉ CARLOS QUEIROZ
DEPUTADO FEDERAL - ARY AZEVEDO DE MORAES
DEPUTADO FEDERAL ADJ - FERNANDO BENÉVOLO ANDRADE FILHO
DEPUTADO ESTADUAL - GILSON LEO
DEPUTADO ESTADUAL ADJ - JOSÉ RODRIGUES
MESTRE DE CERIMÔNIAS - JORGE MANOEL BARBOSA
MESTRE DE CERIMÔNIAS ADJ - KLEBER LUIZ BORDONI PEREIRA
HOSPITALEIRO - JOÃO ROBERTO RIBEIRO DE OLIVEIRA
1º DIÁCONO - ANTONIO PEREIRA DE LIMA
2º DIÁCONO - ÉRICO SANT'ANNA VILELA
1º EXPERTO - WILSON CRUZ ALVES
2º EXPERTO - LUIZ FERNANDO SANTA BRIGIDA
PORTA BANDEIRA - RAYMUNDO DOS SANTOS MAIA
PORTA ESTANDARTE - EDSON PEREIRA DE ALMEIDA
PORTA ESPADA - IVO CARNEIRO
COBRIDOR INTERNO - JORGE GOMES RODRIGUES
COBRIDOR EXTERNO - OSNY PACHECO FILHO
MESTRE DE HARMONIA - LUIZ DE SOUZA
MESTRE DE HARMONIA ADJ - ALEXANDRE PAIVA FRADE
ARQUITETO - ALEXANDRE MARTINS COELHO
MESTRE DE BANQUETES - GUSTAVO MAGALHÃES VIEIRA
BIBLIOTECA E MUSEU - CARLOS LOUREIRO AMARANTE
WEBMASTER - ISÁQUE RUBINSTEIN
BOLETIM O CAYRÚ
REDATOR - ELVANDRO DE AZEVEDO BURITY
SECRETÁRIO - CARLOS LOUREIRO AMARANTE
REVISOR - ISÁQUE RUBINSTEIN

COMISSÕES PERMANENTES

RITUALÍSTICA E CULTURA

**ÁLVARO FRANCISCO CANASTRA
CARLOS LOUREIRO AMARANTE
MÁRIO VICTOR BONNET**

ADMISSÃO E GRAUS

**IVO CARNEIRO
ALÍRIO WALTER DE OLIVEIRA
ARNALDO DA PENHA ROSA**

JUSTIÇA

**FRANCISCO CARNEVALI JÚNIOR
EDSON FORTES RANGEL
JOÃO LOPES NETO**

FINANÇAS

**PAULO CESAR ALVES BERNACCHI
FRANCISCO BORGES RIBEIRO NETO
JOAQUIM ALVES PEREIRA**

BENEFICÊNCIA

**FERNANDO BENÉVOLO DE ANDRADE FILHO
JOÃO ROBERTO RIBEIRO DE OLIVEIRA
WILSON CRUZ ALVES**

Z

DEPARTAMENTO FEMININO

Presidente - Cely Corrêa e Silva

Secretária - Maria Aparecida Medeiros Rodrigues

Tesoureira - Isabel Cristina da Nóbrega Carneiro

A SINDICÂNCIA

A sindicância é um importante trabalho maçônico.

Muito embora aos padrinhos ou apoiadores, caiba alguma responsabilidade pela apresentação. Na prática, os sindicantes são os avalistas do candidato: a Loja vota pelas informações que deles recebe.

Amizade, simpatia ou quaisquer sentimentos contrários são elementos que não devem ser considerados como critério de avaliação do candidato. Portanto, são absolutamente proibidos no trabalho de avaliação realizado pelo sindicante.

Faça-a com eficiência!